

DOMINICA PASCHÆ IN RESURRECTIONE DOMINI 2009

CARTA DO MINISTRO GERAL OFM

ALEGRAI-VOS

*Caros Irmãos,
O Senhor vos dê a paz!*

Há pouco, em Roma, teve início a primavera. Também neste ano, pudemos usufruir um tempo bom e contemplar a nova veste com a qual a nossa mãe-terra está se cobrindo. Aproxima-se a festa da Páscoa. Nosso coração se enche de alegria ao perceber que está perto o grande anúncio pascal: “Ele não está aqui! Ressuscitou!” (Lc 24,6). Aproxima-se a Páscoa, e nossos pés já se põem em movimento, porque sabemos que brevemente, também neste ano, ouviremos: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

A alegria é própria da fé cristã. Por isso, a alegria que ninguém nos pode roubar (cf. Jo 16,22s), a alegria autêntica, nasce da experiência da plenitude de sentido que a ressurreição do Senhor nos dá. Ela abre nosso futuro, tornando possível a esperança: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10); “como o Pai me amou, assim também eu vos amei. Disse-vos isso para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena” (Jo 15,9.11). A alegria que ninguém nos poderá roubar nasce do encontro com a vida, com o Ressuscitado: “Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor” (Jo 20,20; cf. Lc 24,41). A alegria brota da descoberta de termos sido salvos gratuitamente, “de graça fostes salvos” (Ef 2,5).

ALEGRAI-VOS SEMPRE NO SENHOR (Fl 4,4)

Por ocasião das festividades pascais, também neste ano desejo aproximar-me de vós, meus irmãos, jovens e idosos, doentes e sadios, para gritar com toda a minha força: “Alegrai-vos no Senhor” (Fl 3,1).

Páscoa é vida, é alegria e, por isso, só se pode vivê-la experimentando a vida com alegria e júbilo profundos. Não existe espaço para a tristeza, ainda que haja motivos de preocupação. Não existe espaço para o medo, mesmo que não percebamos com a clareza que desejaríamos o caminho que somos chamados a percorrer. O Ressuscitado nos dá a vida! Cristo venceu! Alegremo-nos, irmãos!

Nosso pai São Francisco nos convida a isso. Ele canta o Evangelho e, numa sociedade como a sua, com muitas sombras e motivos de preocupação, faz ouvir uma insólita melodia. O *Poverello* descobre que Deus é júbilo e fonte de alegria – “Tu és júbilo e alegria” (LD 4) – e, portanto, abre-se à alegria.

Quem canta a vida, quem crê na ressurreição, não pode deixar de se sentir feliz e, consequentemente, de comunicar regozijo e alegria: “E cuidem os irmãos de não se mostrarem exteriormente tristes e sombriamente hipócritas, mas mostrem-se alegres no Senhor, sorridentes e convenientemente simpáticos” (RnB 7,16).

Assim, a alegria não é uma conquista, mas um dom que nos tem sido feito pelo Senhor da vida, pelo Ressuscitado. Por isso, ela é um dom do Espírito (cf. Gl 5,22s). Como afirma o apóstolo Paulo, exatamente no texto que é conhecido como a “história da alegria” (cf. Fl 4,4-7), a fonte da alegria é Jesus Cristo ressuscitado, está na experiência profunda que o homem faz de Deus em Jesus Cristo. São Boaventura afirmará que a alegria é como uma luz interior acesa pela luz divina. A alegria que conquistamos é efêmera, frágil, muitas vezes, uma caricatura da verdadeira alegria. A verdadeira alegria é um dom de Cristo vivo, é a alegria do homem libertado e amado gratuitamente, do homem que, apesar das próprias fragilidades, procura viver em harmonia consigo mesmo, com a própria consciência, com o projeto de amor de Deus. Nesse sentido, o relato da perfeita alegria é muito eloquente (cf. PA 15).

Para um cristão, a alegria não está nas fórmulas do “saber viver”, mas na única possibilidade de “deixar Cristo viver” em si mesmo, no deixar-se conquistar por Ele (cf. Fl 3,12). Para um discípulo de Jesus não existe uma *receita para a alegria*, não existem *comprimidos de alegria*. A alegria da qual estamos falando não se encontra em lojas, não é vendida, não é encontrada facilmente, não é prêmio de um sucesso. Não temos encontrado, muitas vezes, pessoas enfermas cujos rostos comunicam uma alegria indescritível? A alegria de que estamos falando também não é fruto da ausência de dúvidas ou de luta na noite escura da alma. Por isso, o *Cântico*

do Irmão Sol é um canto pascal, que brota do coração de um homem enfermo, cego, consumido, mas que encontrou o Cristo ressuscitado, o Senhor da vida.

Esta é a alegria que se transforma em felicidade; a felicidade de um homem que se sente colaborador de um Deus que faz novas todas as coisas. Esta é a alegria e a felicidade que nos é comunicada pela Páscoa e que somos chamados a experimentar e a transmitir.

IDE, POIS, FAZEI DISCÍPULOS MEUS TODOS OS POVOS

(Mt 28,19)

Páscoa é missão. Quem experimentou a alegria do encontro com Cristo ressuscitado não pode deixar de correr para comunicá-lo aos outros. Quem se encontrou com Ele sente a necessidade de comunicá-lo (cf. Lc 14,33; Mc 16,8). A sede saciada, como no caso da samaritana, transforma-se em mensagem (cf. Jo 4,38).

Por ser um sim ao amor, a alegria transforma-se necessariamente em missão. A Páscoa nos faz perceber que para entrar na alegria é necessário sair de si mesmo: do eu egoísta, separado, anárquico, do eu que me fecha no individualismo, voltado unicamente para mim mesmo e que me impede de realizar-me como pessoa. Por outro lado, a Páscoa nos ensina que quem experimenta a verdadeira alegria não a retém para si, como um tesouro a ser escondido, mas sente a necessidade de doá-la e comunicá-la. A alegria pascal cresce na medida em que é partilhada.

O encontro com a figura de Paulo, neste ano em que celebramos o segundo milênio de seu nascimento, leva-nos à mesma conclusão. No caminho de Damasco, Paulo encontra-se com o Cristo ressuscitado. Esse encontro leva-o a dizer: “Ai de mim se não evangelizar!” (1Cor 9,16).

Estamos dispostos a partilhar a alegria que nasce de nosso encontro com o Ressuscitado e, graças a isso, da certeza que Ele está vivo e está em nosso meio? Estamos dispostos a anunciar esta notícia de vida? Se respondermos sim, tenhamos presente que só uma pessoa viva, isto é, que vive em plenitude, pode anunciar o Vivo. Parafraseando a expressão de Santo Irineu, “gloria Dei vivens Homo”, alguém escreveu: “Quem mais honra a Deus é o homem que está mais cheio de vida e tem mais vontade de viver”. Ele deu a vida para que nós tivéssemos

o gosto da vida, para que fôssemos os *celebrantes* da vida. Entre outras coisas, isso supõe testemunhar que o Crucificado foi constituído “Senhor e Cristo” (At 2,36).

Além do mais, celebrar a Páscoa significa pôr-se a caminho. O Senhor nos precede (cf. Mt 28,7): “Ide e dizei a meus irmãos que vão para a Galiléia e lá me verão” (Mt 28,10). O Senhor não aceita nossas discussões preliminares. As explicações, as declarações, vêm sempre depois.

Ponhamo-nos a caminho, irmãos, olhemos para frente. Não se pode percorrer a *via resurrectionis* arrastando os pés e, muito menos, arrastando o coração, vivendo habitual e resignadamente uma morte anunciada. Não vos parece que, por vezes, damos a impressão de termos parado na Sexta-feira Santa? Isso acontece quando apresentamos a Boa Nova em tons lúgubres, severos, quase com acentos fúnebres. Esta é a mensagem que transmitimos quando as lágrimas por um passado que já não existe nos impedem de ver a presença do Ressuscitado em nosso meio. Não credes que existam demasiados discípulos de Maria Madalena entre nós?

“Este é o dia que o Senhor fez” (Sl 117,24). Na Páscoa, Cristo nos oferece seu dia, oferece-nos uma vida nova: “Afastai o fermento velho, para serdes massa nova” (1Cor 5,7). A pedra tumular, que nos fechava em nosso mundo velho, cansado, inabitável, foi afastada para sempre. Passou o mundo decrépito, sufocante, no qual ficamos fechados (cf. 2Cor 5,17). Cristo, nossa Páscoa, nos libertou. Habituemo-nos ao amor, à luz, à liberdade e deixemos que a mensagem eterna penetre no hoje da história através de nosso testemunho.

Estamos vivendo este tempo propício para experimentar a *graça das origens*. O que há de melhor para experimentar esta graça do que deixar-nos encontrar pelo Ressuscitado e dar um testemunho alegre de sua presença entre nós? Não é isso que fez o cristão Francisco de Assis? Neste ano, desejamos celebrar o dom da vocação para a qual fomos chamados por graça. Existe modo melhor de celebrá-la do que restituir ao Senhor e aos nossos contemporâneos, com as palavras e com as obras, o que recebemos dele? Estamos na vigília do Capítulo geral, cujo tema será a evangelização-missão. Recordemos o ardor missionário que sempre caracterizou nossa Ordem. Vamos e anunciamos que “não existe outro onipotente senão ele” (Ord 9). Vamos e abramos o coração do homem ao dom

de Deus, ao Espírito do Senhor. Vamos e demos o alegre testemunho da esperança que o Senhor colocou em nossos corações e que repousa em nós (cf. 1Pd 3,15).

Mas como chegar a isso, se não olharmos para a situação em que vivem muitos de nossos contemporâneos? Por acaso, ignoramos que o Sábado da glória foi precedido pela Sexta-feira Santa? A paixão e morte de Jesus renova-se diariamente nas vidas de muitos irmãos e irmãs nossos que estão sofrendo as consequências da crise econômica que se abate sobre muitos de nossos países. Nos últimos meses, cresce constantemente o número dos desempregados, dos sem teto, dos famintos. Francisco nos ensina a estarmos próximos dessas pessoas, particularmente dos pobres (Cf. RnB 9,2), “menores entre os menores”, como nos recordou o Capítulo geral extraordinário de 2006. Esta Páscoa pode ser um tempo de graça, para nós e para muitos atingidos por esta crise global que estamos vivendo, se nos pusermos a caminho com

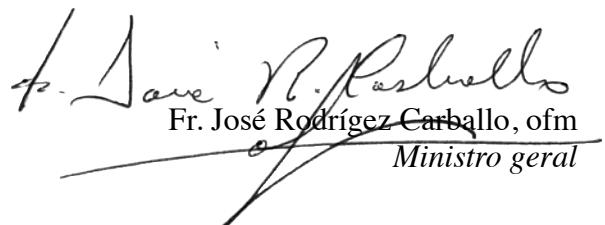
eles para juntos encontrarmos caminhos que possam aliviar seu sofrimento. Esta Páscoa nos lança um grande desafio: comunicar esperança a quem não a tem, um raio de luz a quem vive nas trevas.

Caros irmãos, voltemos novamente nosso olhar para Francisco, nosso Pai e Irmão. O *Poverello* viveu momentos de grande fraqueza em seu corpo e grandes lutas espirituais. Aos poucos, a enfermidade e os problemas que encontrou na Fraternidade o consumiram. Já não podia caminhar e teve de ser transportado no lombo do burro. Mas existia algo a que não renunciou: ser mensageiro de alegria até o fim (cf. Legper 24). A alegria sempre acompanhou Francisco. Na Páscoa, Deus nos convida a participar de sua alegria: crer amando. Tornemo-nos semeadores de amor e a alegria brotará em nossa terra. E lembremo-nos que nossa alegria é um ato eminentemente missionário. É um convite a amar, a esperar, a viver.

Feliz Páscoa da ressurreição, caros irmãos!

Roma, 19 de março de 2009
Solenidade de São José




Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral